



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA



O Jorge era mesmo um destravado! Não havia patos, galinhas ou perús que parassem com ele!... Ia-se aos pobres pintainhos, abria-lhes o bico, pondo-o muito aberto, e vá de deitar água por ali abaixo como se a garganta dos pobres animaizinhos fosse algum funil!...

Agarrava os patos, metia-lhes a cabeça dentro do lago e aí estavam eles a espernear imenso tempo, quasi a afogar-se! Assim que apanhava um perú descuidado, záz... já sabia que tinha de fazer exercícios acrobáticos... E era tudo assim!... Até os coelhinhos brancos, coitaditos, apanhavam, às vezes, cada sova... E os pombinhos?...

Èsses, então, ficavam quasi depenados!... Um horror! Mas isto acontecia quando a sua mãe o obrigava a ir para o quintal, por ele ter feito alguma maldade... E os pobres animaizinhos é que pagavam as favas — como costumava dizer o pai do Chico. É verdade, a propósito do Chico; não calculam também o que ele era! Outro destravado!... Pois calculem que, uma vez, atirou com um enorme queijo à «cara-metade» dum acreditado freguês da loja de seu pai! (Não sei se sabem o que é isto de «cara-metade», mas eu explico já: em linguagem da provincia, significa a senhora do senhor fulano ou do senhor beltrano.) Pois bem, sabem qual foi o castigo do Chico? Foi ir, também, para o quintal!

Ora sucede que o quintal do Chico, é contíguo ao quintal do Jorge, e já estão a ver o que sucedeu...

Ouvindo o seu amigo, do outro lado, a barafustar com os animaizinhos, mestre Chico tratou logo de arrumar uma escada ao muro que separa os dois quintais; sobe como se fosse um gato maltez, e, lá do alto, escarranchado no muro, grita ao seu camarada: — «Eh, Jorge, deixa lá os patos... Vamos ver se nos escapamos!...»

E querem saber?... Tanto fizeram, tanto rebolaram que, daí a alguns minutos, já os dois mariolas brincavam na rua, andando em correrias e fazendo toda a espécie de diabruras!...

Chegou a noite! E, então, é que era vê-los!... Ambos tinham receio de regressar a casa! Se ao menos pudessem entrar pelo quintal!... Mas os portões já estavam fechados e subir o muro era muito mais difícil do que descer!...

(Continua na página 7)



AMOR à VERDADE

Por ISOLDINA MARQUES

A menina Olga tinha uns doze anos e era já muito presunçosa. Verdade seja que a existência luxuosa que disfrutava em casa de seus pais, riquíssimos proprietários daquela região, lhe permitia todos os caprichos. O mimo com que era tratada, por ser filha única, contribuía, não pouco, para torná-la tão cheia de si mesma, que nunca pensava nos outros nem admitia que algum dos seus desejos não fôsse, imediatamente, cumprido.

Seus pais, loucos por ela, não reparavam que suas condescendências iam tornando o carácter da menina de um despotismo devéras condenável. Só brincava com meninas ricas ou nobres, não podendo ver, junto de si, crianças mal vestidas.

Vivia nas proximidades do seu solar uma menina, cuja alegria e inteligência faziam desejar a sua companhia.

Era filha de uma senhora viuva de um escrevente de notário, que cuidara da educação de sua filha com o maior disvelo. Não lhe dera luxo, (que os não permitia a escassés dos seus meios,) mas formára-lhe a alma simples e bondosa; ensináram-lhe que tôdas as meninas precisam saber trabalhar e entreter todos os seus momentos em coisas úteis.

Hortênsia tinha aproximadamente a idade de Olga, e a primeira era tão modesta e boa, quanto a segunda era altiva e indiferente aos males alheios. No entanto, porque a simples e boa Hortênsia se prestava aos caprichos da menina rica e estava sempre pronta para a distrair, quer em passeios quer na confecção das roupinhas das bonecas, no que era exímia, esta habituara-se à sua companhia. Como tôdas as meninas ricas que nada têm a desejar, tinha muitos dias aborrecidos.

Hortênsia, porém, nunca estava triste. De manhã, a sua mais querida ocupação era ir ao jardimzinho, cultivado por ela própria com a ajuda de sua mãe, ver se esta flor que vira ontem em botão, já desabrochara; se aquele arbusto transplantado há pouco não extranhara a mudança; ou ainda, se aquela planta, que o marôto do Tareco deitara ao chão, e estacada por ela com todo o carinho, viria a revigorar. Depois de visitá-las tôdas, uma por uma, tocando-as levemente com seus rosados dedos, contemplando-as embevecida uns momentos, ia sentar-se num banco rústico debaixo da mimosa que enchia de sombra aquele cantinho. E, então, escutava, enlevada, os gorgeios das avezinhas que, a pouco e pouco, se lhe iam apro-

ximando, em busca das migalhas que ela se não esquecia de guardar todos os dias para elas, até que o Tareco, aos pulos, vinha pôr as pobrezinhas em debandada.

Vamos encontrar a mãe de Hortênsia muito triste e preocupada. O motivo fôra um capricho da menina Olga que queria, à viva força, levar na sua companhia a indispensável amiga para Lisboa. Dizia-lhe ela: — «Verás!... E' uma vida muito melhor!... São teatros, cinema, passeios de auto!...»



Comerás coisinhas boas, bem melhores do que as que te dá a tua mamã; terás vestidos iguais aos meus, e joias como as minhas»

A' pobre pequena, não seduzia esta perspectiva. Um pouco de curiosidade, sim, apenas, pois era inteligente e no seu cérebro desenhava-se, muitas vezes, um ponto de interrogação: O que haveria para além daquela terra, para ela tão linda, mas onde as senhoras e meninas da cidade traziam, como que amostras, de coisas tão diferentes? Os livros diziam haver coisas novas e lindas que ela nunca vira... Como seria aquilo tudo, que lhe descrevia, com as cores mais brilhantes, a sua amiga Olga?!

No entanto, custava-lhe muito deixar a maizinha tão só. Se era a sua vida, a sua companhia desde que o paizinho desaparecera daquela casa, outrora tão feliz...

Emfim, a mãizinha decidiria. Mas a ela, também, a ela, a mãizinha, quanto lhe custava deixá-la ir?! No entanto, não se podia recusar êsse pedido tão delicadamente feito, pelos pais de Olga, a quem, sem dúvida, ela podia (sabia-o bem!) confiar sua filha sem receio. E davam-lhe tamanha honra!...

Tinha de ser! E foi...

— «Então, Hortênsia que tens? Já não ris como dantes?! Andas pálida e triste, a-pesar de teres, aqui, uma vida de princesa?! O que te falta?! Por tua intenção, mandei colocar, junto da janela do teu quarto, duas lindas gaiolas com passarinhos, para te despertarem com seu chilrear... Não se passa um dia em que não saias, ao teatro, ou a qualquer festa onde há música, dança, rapazes e raparigas com quem podemos conversar como as senhoras grandes. Não é um prazer vê-las ficar de boca aberta quando lhes falamos nos nossos lindos vestidos, prontos a estrear na próxima festa?! Podemos falar nos nossos bailes, nos nossos criados!... Olha; tu, às vezes, queres falar na tua casita, no teu jardimzinho, e eu atalho logo para desviar a atenção dos outros. Eles escusam de saber que és pobre, pois, se soubessem, ligar-te-iam menos importância!»

Isto dizia, como é de calcular, a menina Olga à amiga Hortênsia, que a ouvia com o olhar vago, perdido na imensidão de vastos jardins floridos.



Mas, quando ela terminou, uma chaminha fugaz lhe brilhou nos olhos claros, enquanto erguia a cabeça com altivez.

— «Desculpa, Olga!» disse. Serei, talvez, o contrário das outras meninas da minha idade mas o que para ti é um prazer, não o é para mim. O que me falta? A minha modesta casinha tão cheia de sol, tão alegre, e a mazinha, a quem todos os dias ajudava nos seus trabalhos sem me aborrecer. As minhas flores; os passarinhos que me vinham comer à mão.

Estes...—pòbrezinhos!— causam-me pena, por estarem prèsos! O seu cantar não pode ser alegre como o daqueles que cantam em liberdade. Joias?! Vestidos?!... Gosto mais dos que a mazinha me faz! Eram as suas mãos de fada que sabiam fazer mimos de um pedaço de tecido barato, para que eu parecesse sempre bem com pouco dinheiro! Com que carinho ela se dedicava à tarefa!... Estes, que tu vestes e me obrigas a vestir, quem os fez? Costureiras indiferentes, cuja missão é amontoar enfeites para os tornar mais vistosos e mais caros. Joias?! A pedra desse anel, que me deste no dia dos meus anos, pelo qual te fiquei muito grata — (não pelo anel mas pela lembrança) — será mais bela do que as gôzatinhas de orvalho que, de manhã, eu encontrava tremeluzindo nas ervinhas tenras do meu jardim? Teatros?! — tudo mentiras! Não gosto de ver criaturas que só falam para os outros ouvirem, com gestos artificiais. Como podem imitar gritos de dôr, que só uma alma que sofre, pode sentir?! Gente pintada para parecer o que não é!...

Do cinema, sim, gosto, quando nos mostra lindas paisagens de outros países que eu não conhecia e fico conhecendo, visto que não posso viajar para os conhecer ou quando nos mostra as belezas do nosso país!... Oh! o nosso belo Portugal! como é lindo nas suas belezas naturais!... Os seus costumes, os monumentos, tudo, enfim, me comove quando se trata da nossa terra! Gosto, também, muito, de música. Quando ouço alguma mais sentimental, evoco a capelinha da minha terra, o seu órgão, e o bondoso cura tão nosso amigo e que me ensinou muitas coisas que eu não podia aprender na escola.

Não tenho prazer em fingir de rica, sendo pobre. Que importa a riqueza?! Para ser-se feliz, basta ser bem educada, bondosa e modesta; isto ensinou-me minha mãe e o senhor cura. Sinto-me feliz ao lado de minha mazinha, tendo, por única distracção, o meu jardim, e algumas correrias pelo campo. No inverno, gosto de vê-lo, banhado de sol que faz brilhar em mil facetas os brilhantes mais belos, nas pontas dos cardos, meio afogados na neve. Na primavera, o refletir das árvores, que alegria para os campos e para a alma! No verão, as manhãs deliciosas, os passarinhos cantando, as flores com suas alegres cores, gritando alegria aos corações e às almas, e eu, tóda inteira, me



entrego ao doce prazer desses espectáculos, mandados por Deus para deliciar a vida, e que inda nos manda o ar dos campos para nos dar saúde; sem gente de modos fingidos, que se pinta e se veste para os outros admirarem. Ali tudo é um espectáculo de verdade, só de verdade! Nem orquestra falta: — os passarinhos e o zumbir das abelhas. Onde pode haver espectáculo mais belo para quem gosta de tudo de verdade? Perdõem-me, tu e tua mamã que tão minha amiga se me tem revelado. Eu só desejo ser como sou, sabendo amar a vida simples, como minha mãe me ensinou a amá-la»

— «Pois vai, ingrata!... Não te entenderei. Não sabes avaliar o bem que se te oferece, desprezando uma situação que mais tarde te poderia ser muito proveitosa.» — respondeu Olga, irritada.»

Decorreram alguns anos. Num lindo dia de verão, Hortênsia, com os braços carregados de flores, as mais formosas do seu jardim, dirigia-se para o solar da sua amiga.

Soubera da sua próxima chegada e,

alegremente, se dispunha a espalhar o reflexo da sua sã alegria pelo velho solar, onde os proprietários vinham esconder a sua modéstia. Depois de umas especulações infelizes, viram a sua grande fortuna sossobrar, ficando reduzidos àquele solar, a muito custo salvo da derrocada, e a umas geiras de terra onde plantar as suas couves, servidos, apenas, pelo velho criado e sua mulher, que os não quizeram abandonar, impossibilitados, até, por falta de forças, de procurar novos patrões.

Com o decorrer do tempo, a orgulhosa Olga reconheceu quanto a bondade e modéstia da sua amiga e sua mãe, lhe foram proveitosas, pois lhe ensinaram a apreciar a vida com o que dela podemos tirar, para sermos felizes. Olga, por vezes, ao pensar no seu passado orgulho, tão descabido, sentia-se corar, e tornou-se uma deliciosa companheira de Hortênsia, chegando a ser tão boa e modesta como ela.

Ambas, ao sair da missa dominical, iam levar o seu óbulo e consolações aos pobres mais necessitados da terra. E os camponeses, ao vê-las passar, ambas belas e felizes na sua modéstia, diziam: — Parecem dois anjos do Senhor!»

Concurso dos Palácios e Monumentos

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a interromper, mais uma vez, este nosso concurso, que prosseguirá no próximo número.

CONCURSOS MENS AIS

A-fim de satisfazermos inúmeros pedidos que nos têm sido formulados em cartas e postais, e simplesmente no intuito de estimularmos as vocações literárias incipientes, vamos prosseguir os nossos **Concursos Mensais**, declarando aberta, desde hoje, uma nova série nas mesmas condições das anteriores.

A ULTIMA BIRRA da LUIZINHA NATAL à PORTA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

QUANDO a criada Gertrudes chegou, a Luisinha, sem sequer reparar na cara afogueada e aflita da mulher, exclamou, cheia de irritação:
—O que quere dizer esta demora!? Há que tempos estou pronta e só agora apareces!

Gertrudes balbuciou, confusa:
—«A menina tem razão! Peço-lhe desculpa; mas tive que sair...»
—«Que sair!? Ora não há! Á hora em que eu preciso de ti!... Maior desaturo!...»



—«Vieram chamar-me à pressa... — (tornou Gertrudes, com os olhos razos de lágrimas). — Eu vinha mesmo pedir à menina que me dispensasse hoje...»
—«Era o que faltava! — (acudiu Luisinha, furiosa). — Deixa estar que eu farei queixa de ti! A mãizinha, com certeza, te despede. Hoje é o meu dia de feriado. Combinei um passeio.»
—«Está bem! Eu irei, menina! — volveu, com uma voz desolada, a pobre Gertrudes.»
—«Vou buscar o casaco, num instante.»
A meio do corredor, a pequena esbarrou com a cozinheira e, já cheia de remorsos, perguntou-lhe:

—«Ó Maria, porque está a Gertrudes assim ralada?»
—«Tem a filhinha doente e, há bocado, vieram dizer-lhe que fôsse para casa. Queria pedir licença à senhora... Tem de chamar um médico. Coitada! Só o dinheiro que isto tudo custa!... Que transtorno para quem é pobre!»
Ao ouvir estas palavras, com que pressa Luizinha enfiou o casaco e saiu a correr pela porta do jardim.
Já a Gertrudes, admirada da demora, prevenira a senhora que, assustadíssima, telefonou para vários sítios, em busca da filha.

(Continúa na página 6)



POR
G R A
C I E
T T E
B
R
A N C O



VEM surgindo o Natal! Já bate à porta dos nossos corações, a Caridade! Graça espiritual e nunca morta como sinal supremo de Bondade!

É como badalada cristalina a palavra simbólica — NATAL! Tudo, em nós, se entenece e se ilumina! Transforma-se a nossa Alma num missal!

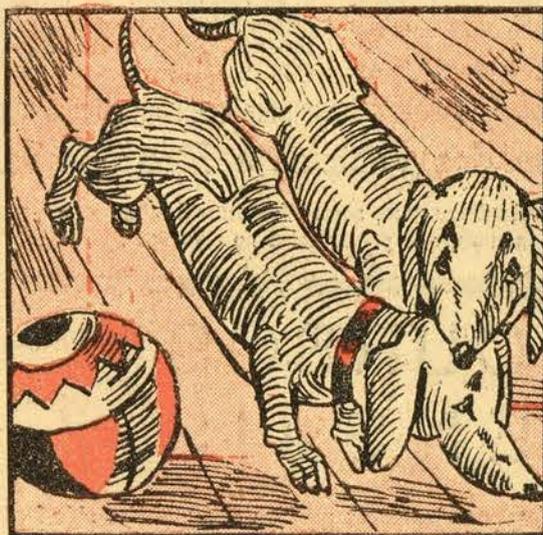
Amigos pequeninos: reservai, alguns brinquedos vossos, para um pobre! Ide escolher, cheios de Amor, e dai aquilo, meus meninos, que vos sobre.

Dá-nos tanta alegria repartir com quem nada possui de bom na vida! É tão bom ver os pobres a sorrir á sombra duma esmola enternecida!

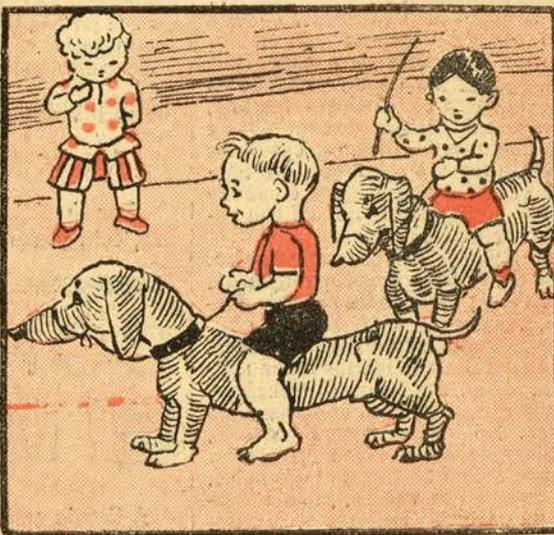
E às meninas mais velhas, também peço que façam agasalhos para dar; roupinhas e «tricot» de baixo preço. — O pobre tudo sabe aproveitar!

E depois de fazer estas acções, sentireis alegria tão intensa, que ela será, nos vossos corações, a mais consoladora recompensa!

■ TIP, TOP, ZÁ ZÁ, ZÉ ZÉ e ZIZI ■



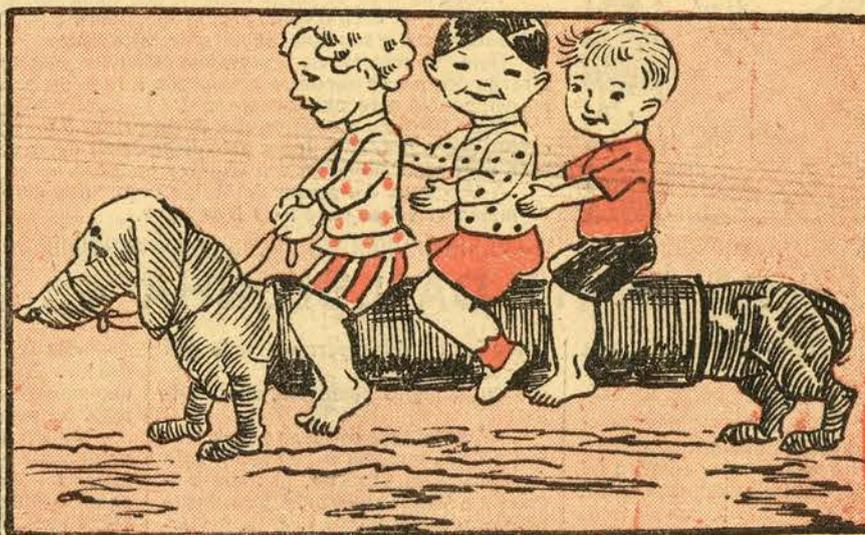
I — «Tip» e «Top» eram dois cães, de corpo muito alongado e pernas muito curtas. Zázá, Zézé e Zizi eram três irmãos, donos do «Tip» e do «Top».



II — Porque gostavam muito de andar em cima dos cães, zangavam-se frequentemente, pois eles eram três e os cachorrinhos só dois.



III — Zizi teve, porém, uma ideia excelente: — Foi buscar uma manilha, que estava perto, e resolveu pôr o «Tip» enfiado na boca desta, à frente, e o «Top» no extremo oposto.



IV — E ei-los, marchando, escarranchados, em boa paz e harmonia: — «Tip-tip-tip... Top-top-top...»

VINGANÇA

POR MARIA ALICE BERNARDES



JOSÉ era um rapazola alto, magro, de face ossuda e de braços e pernas compridas. A firme expressão do seu olhar, mostrava bem o seu carácter franco, assim como o modo, preciso e rápido, das suas acções, indicava uma grande força de vontade.

Julgava-se já um homem de intelectualidade superior, pelos estudos que o pai, o fazendeiro mais rico daquelas redondezas, lhe tinha proporcionado.

A sua opinião era acatada pela povoação inteira, que via nele, não a força despótica do dinheiro, mas o homem prático e rude que, sem snobismo, se conservava trabalhador e que, com os seus incompletos 14 anos, era capaz de chefiar, tática e ajuizadamente, uma horta e jornaleiros nalguma grande empreitada rural.

Completara o seu 3.º ano liceal e as suas viagens diárias haviam terminado.

Então, o pai, como prémio da sua brilhante passagem, comprou-lhe uma bicicleta, que lhe serviria não só de divertimento mas, também, para o transportar ao Liceu no seguinte ano lectivo.

Era o pasmo da aldeia, vê-lo, veloz, percorrer as estradas, subir as encostas e galgar até várzeas e carreiros.

Era vulgar passarem automóveis pela terreola, mas aquele veículo demoníaco de duas rodas, causava a incompreensão pela sua estabilidade, a pesar-de conhecerem a sua existência.

Assim corriam os dias, na faina dos campos. José voltava agora, a pé, duma quinta distante que tinha ido visitar, onde, devido ao seu difícil acesso, lhe não fôra permitido mostrar as suas perícias ciclísticas. Estacara, porém, A desconfiança apossara-se dele. Rápidamente, a cólera lhe invade o coração e lhe salta no rosto, fazendo faiscar-lhe os olhos. Além, na direcção da estrada, que serpenteava a seus pés, na base do monte, vinha a sua bicicleta, sem dúvida; lá estava a luz da lanterna, o buzinar idêntico, pois... de mais a mais, a dele era a única.

Aquele espírito recto, disciplinado, turvou-se e o seu cérebro, inteligente, paralisou de súbito. Depois subiu-lhe à cabeça uma onda de vingança.

Agora, percebia tudo! Era o Jorge, o filho do seu vizinho, que tinha as terras pegadas com as suas, quem lá vinha numa bicicleta comprada na sua ausência, com sacrificio, pelo pai do Jorge.

Despeitado, num arranco vingativo, José atravessa na estrada um grosso tronco de pinheiro, impedindo o caminho. A catástrofe foi rápida; inevitável; — ao embate no tronco, a bicicleta é feita num feixe e o ciclista é projectado a distância.

José, abatido pela força do desastre, alucinado, com remorsos do seu vil procedimento, foge desvairado ao longo dos campos e cái num charco com o cérebro escaldante e as veias entumecidas.

Ambos assim foram encontrados: um desfalecido; o outro com uma congestão.

A aldeia, condóida, atribuiu a obra do Demo, um desastre tão inexplicavel e tão impressionante.

Jorge, cujo tratamento médico chegara a arruinar completamente o pai, tinha apenas uma cicatriz na face, enquanto José se encontrava ainda entre a vida e a morte.

Todos os dias ia saber daquele que tinha sofrido um desastre no mesmo dia em que se dera o seu... Lá ia êle, agora a pé, à cidade, buscar os medicamentos para o seu companheiro de infortúnio.

Hoje, já homens, dada a grande amizade que une Jorge e José, explica-se a razão porque se encontra restaurada a casa do primeiro. Une-os, num o remorso, noutro o reconhecimento.

Mais forte do que as grades duma prisão é para José a força daquela cicatriz, que o prende a Jorge pelo grato dever duma reparação, mas que o dilacera pela recordação do seu impulso maldoso.

A Vingança é o prazer do Mal, e o que nos arrasta, se não hoje, amanhã, ao mais terrível suplicio: «O Remorso».



A ULTIMA BIRRA DA LUIZINHA (Continuado da página 4)

Nisto, um automóvel parou à porta da casa.

Mesmo de dentro do carro, a Luizinha gritou, cheia de autoridade:

— «Venham aqui ajudar-me!»

A primeira pessoa que acorreu foi a Gertrudes, que logo exclamou, numa angústia:

— «Ai, que a menina trouxe consigo a minha doentinha! — (e, dirigindo-se à senhora): — Eu não tenho culpa! Valha-me Deus!»

Entrementes, a Maria levava nos braços a criança doente, que a se-

nhora fez conduzir para o quarto dos hóspedes.

Depois, muito comovida, disse à filha:

— «Adivinhaste os meus pensamentos, porque também eu, ao saber hoje da doença da pequena, já tinha tencção de a mandar buscar. Agora, é preciso prevenir o nosso médico. A Gertrudes que vá a casa dele.»

Com soluços de gratidão, a pobre mulher beijou a mão das suas benfeitoras.

Luizinha, pendurada ao pescoço da mãe, segredou-lhe:

— «Eu fui muito má para a Gertrudes!... Não mereço os seus agradecimentos. O que prometo é nunca mais ter feias birras.»

— «Visto que te acusas com tanto arrependimento, tens perdão!... — (disse a senhora, com um sorriso bondoso). — Mas deves uma reparação à Gertrudes. Farás todos os esforços para que a filha melhore depressa...»

Ao que a Luizinha acudiu, muito pronta:

— «Começo já por lhe dar a minha boneca Lili, que é a mais linda de todas, porque o que lhe tem feito

LIÇÃO DE DESENHO



Completar este desenho, unindo os números e as letras por meio de um traço e, em seguida, colori-lo.

UMA NOITE ACONTECEU... (Continuado da página 1)

Estavam a resolver o problema, quando viram aproximar-se um vulto. Recendo que fosse algum dos seus pais, tremiam já com medo!

O vulto cada vez se aproximava mais... Então, eles, que eram tão valentes, cada vez se encolhiam mais ao canto do portão do Jorge! Nisto, o vulto passou mesmo juntinho a eles e o Chico reconheceu nele a mulher que havia apanhado com o queijo!... Sentindo remorsos, perseguido por visões fantásticas e a chorar perdidamente, correu direitinho a casa, sem olhar para traz. E, como é bem de ver, o jantar que recebeu foi um destes castigos que lhe ficou de memória!

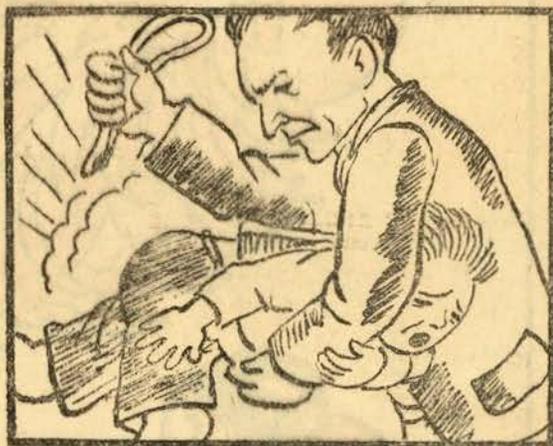
Ao vê-se só, o Jorge quase desmaiou!... Experimentou empurrar o portão... e com tanta sorte que, por acaso, estava, apenas, encostado! Foi um grande alívio. Mas, quando ia a entrar no quintal, reparou que não se via nem a um metro de distância.

— «Que grande escuridão!...» — disse êle, cheio de medo. Contudo, ganhando coragem, entrou, cautelosamente, tateando, pé aqui, pé acolá... Quando julgava já estar perto da cozinha, começou a ouvir um ruído abafado, parecido com um bater de asas. Parou, assustado! Tinha-se perdido no quintal! Uma galinha cacarejou, ruidosamente: «cô-cô-cô-cô...» e ficou-se!... Depois, um pato, grasnou: — «cuá... cuá... cuá...» e mais não disse!

Então, mesmo aos pés dêle, um enorme peru pôs-se a modos que a rir: «gru-gru-gru!...»

— la para fugir dali, espavorido, quando, na sua precipitação, agarrou um galo que estava empoleirado!...

— «Máizinha!» gritou Jorge, numa aflição, suplicante, enquanto os cabelos se lhe punham em pé! Ao ouvir o grito, a mãe do Jorge veio a correr, com uma luz, e levou-o



para casa, mais morto do que vivo, pois foi preciso ir chamar o médico!

Foi tal o susto que, naquela noite, o Chico e o Jorge apanharam, e tão grande o remorso que sentiram pelas suas maldades, que nunca mais deixaram de obedecer às suas mãezinhas!...

E quando, agora, se juntam em grupo com outros da sua idade, para contarem as suas aventuras, o Jorge, lembrando-se desse susto, começa logo: — uma noite aconteceu...

muito mal é não ter brinquedos... Morria de aborrecimento, a pobrezinha!...

— «Sim, sim; isso deve ser já meia cura... o resto fica por minha conta. Eu te ajudarei na tua tarefa, com toda a minha vontade.»

Daí a dias, no jardim da casa, as duas pequenitas brincavam juntas. Luisinha sorria contente, ao vê com que entusiasmo a convalscente vestia e despia a boneca Lili que, com a sua presença, tanto contribuíra para as rápidas melhoras da doentinha.

Foi assim, rodeada de carinhos que a

filha da Gertrudes recuperou a saúde.

É ela, agora, a companheira preferida da Luisinha que, como prometera à mãe, nunca mais teve feias birras, defeito terrível numa menina de coração tão bondoso.

A CAPOEIRA (Construção para armar)

Esta construção para armar, que publicamos na página 8, tem por fim pôr à prova a habilidade dos nossos pequeninos leitores. Trata-se duma construção, como já dissemos e, ao mesmo tempo, dum exercício de desenho. Com uma folha de papel vegetal, decalquem os animais aqui repre-

sentados. Em seguida, tendo previamente manchado com lápis o reverso do decalque, passarão o mesmo para uma folha de cartolina branca e, finalmente, desenharão a tinta o desenho esboçado a lápis. Os modelos N^{os} 1, 2, 3 e 4, depois de colados na cartolina, deverão ser recortados e colados aos desenhos da autoria dos meninos, de forma que os animais fiquem com vista de ambos os lados, tendo, porém, o cuidado de não colarem as patinhas dos bichos para que se passam pôr de pé as figuras.

Dêste modo, poderão construir vários galos, galinhas e patos. Poderão, ainda, colori-los ou deixá-los como estão.

■ A CAPOEIRA ■

CONSTRUÇÃO
PARA ARMAR

